



## Editorial

### Filosofia Oriental e Interculturalidade

Tanto na história do pensamento filosófico quanto da antropologia, para além de outras disciplinas, um tema recorrente diz respeito ao encontro entre as diferenças – ou, melhor dizendo, ao contraste entre os distintos modos de se haver no mundo, com o mundo e, humanos que somos, uns com os outros. Moral, ética, estética, política e comopolítica são formas de orquestrar tais – e tantas – divergências. Ou, se não divergências de destino, ao menos diferenças quanto aos pontos de partida.

Por vezes, no dito Ocidente, questiona-se haver filosofia na China, por exemplo. Outras vezes, ainda no Ocidente, questiona-se haver pensamento entre os povos indígenas das Américas. E no seio do próprio Ocidente, embora partilhando referências mais comuns, ainda é possível encontrar a diferença dando dinamismo ao pensamento: continental ou analítica? Funcionalista ou pós-estruturalista? Devotada a tal ou tal propósito, a tal ou tal linhagem, cânone ou modo de entender o próprio pensamento?

Assim como a diferença é ponto de partida para o encontro, confronto, contraste e, muitas vezes, conflito, também é base para desdobramentos dos mais produtivos. Na aproximação de dois ou mais pensamentos, de duas ou mais matrizes culturais, simbólicas, étnicas, processos de negociação, tradução e interpretação se põem em movimento. Processos, poderíamos dizer, de transformação.

O presente dossiê expande, de certa maneira, a compreensão acima esboçada. Nele, conferencistas do VIII Colóquio Internacional sobre Filosofia Oriental da Unicamp, realizado em 2019 em torno do tema “Antinatureza na Natureza e Interculturalidade”, juntam-se a outros autores para discutir, cada qual a seu modo, variados processos de transformação intercultural relacionados ao pensamento, seja filosófico, poético, ocidental, oriental e/ou ameríndio.

Abrindo o dossiê, José Jorge de Carvalho nos apresenta um breve histórico de experiências similares no que toca à busca de um diálogo filosófico intercultural. Ou, como defende o autor, amparado pela tradição do Colóquio de Filosofia

Oriental da Unicamp, um triálogo: neste, matrizes dos pensamentos ocidental, oriental e indígena se dinamizam para oferecer espaço intelectual tanto a pensadores formados nos cânones letrados quanto àqueles cuja experiência intelectual, também vastíssima, se constrói a partir dos campos das relações tradicionais que mantêm com suas comunidades e com o mundo vivido. em “Encontro de Saberes e Filosofia Intercultural: Tradições de Pensamento Ocidentais, Asiáticas e Indígenas em Diálogo,” o autor historiciza os movimentos que fizeram com que, em 2019, duas mesas do Colóquio da Unicamp contassem com a participação de pensadores indígenas, lideranças tradicionais importantíssimas em suas comunidades e para a própria compreensão do que são as diferentes tradições de pensamento indígena. Ainda, pensando no potencial triológico desse exercício, o autor nos faz conhecer a história de dois luminares do pensamento oriental, Wang Yangming e Hui-Neng, cujas trajetórias tematizam os mesmos desencontros com que uma filosofia intercultural se depara. De um lado, o letrado Wang Yangming se vê incapaz de alcançar o pleno conhecimento quando confrontado pela natureza e, num segundo momento, por grupos sociais dos quais não compreende sequer a língua. Do outro, o iletrado Hui-Neng, cujo trabalho em um templo budista consistia no mais básico e manual, revela-se iluminado e sucessor do Quinto Patriarca do budismo Chan. Em um movimento que conecta encontros como os do Colóquio aos de Wang Yangming e Hui-Neng, José Jorge de Carvalho nos abre a perspectiva de que a experiência da alteridade e o diálogo entre distintas matrizes linguísticas e civilizacionais permite ao pensamento encontrar novos caminhos e potencialidades.

Amanda Sayonara Fernandes Prazeres, em seguida, com “O problema de definir a filosofia japonesa”, traz à reflexão o lugar da cultura como fundamento do pensamento filosófico. Para a autora, embora se costume afirmar que o traço distintivo da filosofia japonesa seja sua capacidade de absorver, reinterpretando, matrizes de pensamento diversas, o ponto fulcral da filosofia nipônica seria, em verdade, seu substrato cultural, com todas as implicações daí derivadas. Não haveria, nesse sentido, uma filosofia japonesa apenas como variação de temáticas universais, mas sim como desdobramentos de suas próprias bases socioculturais.

Já Cristiano Mahaut de Barros Barreto, em “Eduardo Viveiros de Castro e Roger Ames: a orquestração de um triálogo multinaturalista”, aprofunda certa análise comparativa ao pensar, com o antropólogo americanista e o sinólogo, em modos específicos de compreender perspectivas culturais e, sobretudo, ontológicas. Partindo do perspectivismo ameríndio de Viveiros de Castro e, ao mesmo tempo, do pensamento relacional chinês como apresentado por Ames, vemos na orquestração de Barreto uma forma de articular diferentes tradições de pensamento em um triálogo “que escape do relativismo antinômico dos pares ocidente/oriente ou civilização/nativo”.

Ainda na chave da transformação, Ana Cristina Alves nos conduz por uma larga história filosófica de movimentos, criações do mundo e apreensões do fazer poético baseados em tradições culturais das mais distintas. Em “Transformação e Intuição Poética: Estudos Comparados na Escrita Criativa Chinesa e Portuguesa”, a autora reúne uma gama variadíssima de autores e pensadores, de tempos e lugares também variados, para dar a ver filósofos e poetas, de épocas diversas, tomam as intuições filosóficas e poéticas como caminhos criativos e transformadores para compreender a existência humana.

Derley Menezes Alves, por sua vez, analisa um ponto específico da história do orientalismo no Ocidente, demonstrando como a popularização de certas ideias e imaginários orientais, especificamente budistas, ganha terreno em obras como “O Tao da Física”, de Fritjof Capra. Em “Capra e a loucura da analogia”, Alves demonstra passo a passo como a constituição de um imaginário oriental descolado dos fundamentos socioculturais, lógicos e linguísticos das tradições de partida gera, como no caso analisado, uma forma diluída e equivocada de interpretação analítica. Buscando aproximar ciência moderna ocidental e conhecimentos tradicionais do Oriente, Capra incorre em confusões baseadas, justamente, em sua formação moderna ocidental.

Com Joaquim Monteiro, em “A ‘lógica do específico’ em Tanabe Hajime e a re-criação do Brasil como um estado pluriétnico”, temos um aprofundamento teórico-político de grande valia, seja pela pertinência intelectual do tema, seja pela urgência sociopolítica em que nos encontramos na contemporaneidade, conforme o autor bem enfatiza. Monteiro busca, por meio da reflexão acerca da “lógica do específico” em Hajime, pensar uma re-criação do Brasil como um Estado pluriétnico, que seja historicamente transformador e capaz de assumir responsabilidade pelo passado de escravização e genocídio sobre o qual se constituiu como Estado-nacional. No limite, trata-se de concretizar reparações históricas e humanitárias frente aos descendentes dos grupos étnicos historicamente subalternizados, nomeadamente as parcelas negra e indígena da população do atual território brasileiro.

Em “Uma Maria entre Martas: A Índia e Mahatma Gandhi no Olhar de Gilberto Freyre”, Dilip Loundo procura investigar alguns desdobramentos da sociologia de Gilberto Freyre que se articulam ao constante diálogo mantido pelo brasileiro com a Índia, sua história e tradições, tanto socioculturais quanto intelectuais. Tais desdobramentos enfatizam, de forma pioneira, a compreensão freyreana de um componente asiático que, pelo processo colonial português, encontra-se presente na formação das identidades brasileiras; e, articulando esse complexo sociocultural que a expansão colonial acabou por estimular, também “a relativização das pretensões universalizantes do discurso sociológico”, a que Freyre chega graças à atenção que dedica a pensadores e atores políticos indianos como Mahatma Gandhi e Radhakamal Mukerjee.

Renan Porto, em “Ecologia Política Sob a Queda do Céu”, explora o conceito de ecologia presente em uma das obras mais significativas para o pensamento ameríndio e a reflexão sobre interculturalidade no seio dos processos coloniais e extrativistas. Trata-se de uma debate dedicado a “A Queda do Céu”, do pensador xamã yanomami Davi Kopenawa e do antropólogo e seu tradutor, Bruce Albert. Neste artigo, as reflexões antropológicas de Viveiros de Castro voltam às páginas deste dossiê, oferecendo um modo renovado de compreender o pensamento ameríndio a partir dele próprio, tomando as palavras de Kopenawa como condutoras. Nesse sentido, Porto reflete sobre a ecologia proposta pelo pensador indígena ao compreender a natureza presente na cosmologia Yanomami, frisando que nela, ecologia – cosmológica e xamânica – encerra-se toda uma potência política desconhecida por grande parte do pensamento moderno, sobretudo ocidental.

Por fim, Leandro Durazzo, investigando algumas modalidades enunciativas do povo Tuxá de Rodelas/BA em “Sintagmas cosmológicos e um perspectivismo ameríndio: sobrenatureza e conhecimento entre os Tuxá da Bahia”, encerra o dossiê com uma consideração acerca dos modos de comunicação, de produção e circulação de conhecimentos indígenas e, especialmente, da interação humana com estratos ontológicos mais-que-humanos, cuja diferença radical jamais é reduzida. À interculturalidade radicada no encontro entre diferentes tradições humanas e civilizacionais, insere-se aqui uma alteridade calcada no processo contínuo, histórico, mas também cosmológico pelo qual é possível compreender distintas formas de comunicação, referencialidade e silenciamento cautelar, graças às quais os Tuxá compreendem o mundo cosmológicamente habitado em que vivem.

Esperamos que este dossiê, com sua diversidade temáticas e articulações teóricas, políticas, socioculturais, diálogos e triálogos, ofereça aos leitores uma pequena amostra da pluralidade que, atualmente, se encontra nos debates acerca da interculturalidade e da diversidade cultural.

Além dos textos que compõem o dossiê, este número da Modernos & Contemporâneos traz um artigo de Agustín Jacinto Zavala sobre quatro leituras de dois importantes conceitos da filosofia nishidiana e outro artigo do Professor Li Xiaodong, sobre filosofia política chinesa. Temos ainda neste número duas traduções: a primeira delas é de um capítulo de Xunzi, feita por Matheus Oliva da Costa; a segunda é a de um importante texto do período intermediário de Nishida. A revista aprovou uma tradução indireta pela importância do texto e pela escassez de tradutores brasileiro que traduzem diretamente do japonês.

Mais uma vez salientamos que nossas publicações são manifestos de resistência em tempos de tanta obscuridade e truculência.

Desejamos uma boa leitura!

Leandro Durazzo<sup>1</sup> e Antonio Florentino Neto

Revista digital: [www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos)



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

---

1 Doutor em Antropologia Social (UFRN)